

Editorial

O segundo número do volume 17 (2014) da revista *Linguagem & Ensino*, através dos 9 artigos e 1 resenha que foram para ele selecionados, traz uma diversidade de temas ligados ao ensino e aprendizagem de línguas, e também a reflexões de cunho mais teórico sobre linguagem, enunciação e discurso. Em meio a essa diversidade temática, os textos aqui reunidos apresentam ainda análises focadas em diversos idiomas, tais como o italiano, o inglês, o japonês, o sânscrito e o português.

O artigo da professora Luciana Lanhi Balthazar, da Universidade Federal do Paraná, trata da defasagem existente no ensino/aprendizagem de língua estrangeira no Brasil no que diz respeito ao desenvolvimento de habilidades orais, e em especial no caso da língua italiana (objeto do seu estudo). A autora aponta ainda para a necessidade de se dar primazia a habilidades de produção (oral e escrita), que na prática acabam ignoradas por causa do foco exclusivo em habilidades de compreensão (também orais, mas sobretudo de leitura). Baseando-se em abordagens como a teoria cognitiva da aprendizagem (e em particular na perspectiva teórica da percepção consciente: *noticing*), a autora reconhece a importância do exercício de habilidades orais para o processamento sintático da língua em contextos comunicativos — para o desenvolvimento da automaticidade e fluência.

Seu artigo levanta questões que de certa forma se articulam com aquelas tratadas por Yûki Mukai, da Universidade de Brasília, que nos traz um estudo comparativo sobre crenças e necessidades de estudantes universitários brasileiros e portugueses de língua japonesa em relação à escrita. Enquanto os estudantes portugueses concedem primazia à compreensão auditiva e fala do japonês, os estudantes brasileiros tendem a alicerçar o aprendizado dessa língua no desenvolvimento de habilidades de escrita e leitura. No que diz respeito à especificidade da língua japonesa, não se pode deixar de lado a complexidade intrínseca do seu sistema de escrita, que, conforme

ressalta o autor, é misto e conta com uma heterogeneidade de tipos de caracteres (*kanji*, *hiragana*, *katakana*) cuja riqueza ultrapassa de longe àquela dos sistemas meramente fonéticos (como os das línguas ocidentais modernas). O foco do artigo, entretanto, não é propriamente na escrita, mas nas crenças desses estudantes quanto à importância da escrita, e na relação dessas crenças com o processo de ensino/aprendizagem contextual da língua. Pesquisas como essa remontam a estudos que se popularizaram nos Estados Unidos ainda na década de 1980, tendo alcançado, depois disso, notável desenvolvimento na área de Linguística Aplicada. No Brasil, eles têm permanecido restritos basicamente à investigação de estudantes de língua inglesa, e a pesquisa aqui apresentada por Mukai aponta para a necessidade de sua expansão.

O artigo de Alison Roberto Gonçalves e Rosane Silveira, ambos da Universidade Federal de Santa Catarina, traz uma contribuição efetiva, no que diz respeito ao desenvolvimento de habilidades orais, para o ensino/aprendizagem de língua inglesa no Brasil. Nele se investiga a inteligibilidade das vogais altas anteriores do inglês, tal como produzidas por estudantes no país. Conforme apontado em manuais de ensino, a má produção dessas vogais gera problemas de comunicação. Confrontando abordagens teóricas como a apresentada por Jennifer Jenkins em artigo publicado no *Applied Linguistics* de 2002, os autores reforçam a importância de se conceder atenção à duração (na produção do par de vogais altas anteriores do inglês), e discutem a inter-relação entre fatores de percepção e inteligibilidade.

O artigo das professoras Ariane Lodi e Marilei Amadeu-Sabino, ambas da Universidade Estadual Paulista *Júlio de Mesquita Filho* (UNESP), investiga expressões idiomáticas italianas relacionadas às lexias *testa* e *capo*, num estudo comparativo que envolve também a lexia “cabeça” do português. Sendo étimos diferentes e sem funcionar como sinônimos perfeitos, cada uma das duas lexias italianas dá origem, através de metáforas, a expressões próprias que divergem também daquelas oriundas da lexia do português (apesar das três lexias remontarem a desdobramentos do latim). As autoras concluem ressaltando assim a falta de “univocidade entre as línguas”, e

dessa forma nos remetem a outro artigo publicado nesse número, aquele do professor Jan Houben, da *École Pratique des Hautes Études* de Paris.

Em seu artigo — que é uma versão atualizada pelo autor, especialmente para esse número da *Linguagem & Ensino*, do prefácio de *Ideology and Status of Sanskrit: Contributions to the History of the Sanskrit Language* (2012) — Jan Houben levanta questões cruciais (justamente pelo seu caráter controverso) no que diz respeito ao entendimento da linguagem em geral, da variação e de processos de troca entre diferentes culturas. Isso é feito a partir de uma discussão de ideias relativas à natureza e história do sânscrito, as quais têm aparecido na literatura dos últimos 20 anos sobre essa língua, que junto com o latim, o grego, o hebreu, o árabe e o chinês, constitui um dos idiomas clássicos do mundo global atual.

O número conta ainda com outras cinco contribuições importantes e uma resenha. O artigo das professoras Geovana Soncin e Sanderléia Roberta Longhin, da Universidade Estadual Paulista, traz um estudo de fôlego e inovador sobre a causalidade veiculada pelas construções com “porque” em textos escolares. Divergindo de abordagens meramente cognitivas da questão, as autoras chamam a atenção para o papel fundamental dos gêneros textuais no que diz respeito ao emprego de noções de causalidade, em seus diversos níveis, por estudantes de diferentes faixas etárias.

Já o artigo das professoras Ayane Nazarela Santos de Almeida e Raquel Meister Ko. Freitag — respectivamente da Universidade Federal de Alagoas e da Universidade Federal de Sergipe — busca correlacionar o desempenho linguístico de alfabetizando e suas produções narrativas, resgatando, em termos teóricos, a abordagem mais clássica de Labov e Waletzky (1967). Como no caso do artigo sobre as construções com “porque”, as autoras enfatizam a importância dos gêneros textuais no que diz respeito ao desenvolvimento da produção escrita e estratégias de leitura no espaço escolar.

Dando continuidade ao número anterior, a revista conta ainda com duas contribuições no âmbito das análises psicanalíticas de manifestações discursivas, relacionadas ambas

ao método algoritmo David Liberman (ADL). Enquanto no número anterior, as contribuições voltavam-se à linguagem verbal, no número atual elas se voltam aos signos visuais. Em seu artigo, o professor David Maldavsky, da *Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales* (UCES, Buenos Aires), distingue e discorre sobre diversas categorias de análise, algumas delas ligadas à semiótica e à semiologia, tais como signo plástico, signo icônico, e outras à psicanálise propriamente dita, como desejo e defesa. É na interface de ambas abordagens que o ADL surge como meio sistemático para análise de discursos não-verbais. Como exemplo desse tipo de análise, temos aquele trazido pela pesquisadora Silvina Perez Zambón, também da *Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales* (UCES, Buenos Aires), que em seu artigo toma por objeto imagens produzidas a partir do teste *Pessoa na Chuva*, técnica amplamente empregada em avaliações no âmbito da psicologia educacional, laboral e forense.

Por fim, o número fecha com uma resenha sobre o livro *Tecnologias e mídias no ensino de inglês: o corpus nas "receitas"*, trabalho importante no campo da Linguística Aplicada, pelo uso que faz de *corpora* para o ensino da língua inglesa.

Setembro de 2014
Alessandro Zir
Editor